





---

Tomás Nevinson



---

Javier Marías

Tomás Nevinson

Tradução de Vasco Gato

ALFAGUARA  




---

*A Carme López Mercader,  
que, longe ou perto, confinados  
ou não, alegres ou nem por isso  
— ela sempre mais alegre do que eu —,  
me acompanhou sorridente neste livro  
do início ao fim*





I



Eu fui educado à antiga, e nunca achei que um dia me ordenassem que matasse uma mulher. Nas mulheres não se toca, não se bate, não se causa dano físico e evita-se ao máximo o verbal — elas não correspondem a esta última proibição. Além do mais, devemos protegê-las e respeitá-las e dar-lhes passagem, defendê-las e ajudá-las se levarem uma criança na barriga ou nos braços ou num carrinho, oferecer-lhes um assento no autocarro e no metro, resguardá-las até ao andar na rua, afastando-as do trânsito ou do que noutros tempos se lançava das varandas, e, se um barco soçobra e ameaça ir a pique, os botes são para elas e para os seus pequenos rebentos (que lhes pertencem mais do que aos homens), pelo menos os primeiros lugares. Nos fuzilamentos em massa, perdoa-se-lhes por vezes a vida e são afastadas; são deixadas sem maridos, sem pais, sem irmãos e mesmo sem filhos adolescentes e adultos, obviamente, mas permite-se que elas continuem a viver enlouquecidas de dor como espectros sofredores, que, no entanto, vão fazendo anos e envelhecendo, acorrentados à lembrança da perda do seu mundo. Transformam-se em depositárias da memória à força, são as únicas que restam quando parece não restar ninguém, e as únicas que contam o que houve.

Enfim, foi o que me ensinaram em pequeno e tudo isso era antes, e nem sempre à risca. Era antes e na teoria, não na prática. No fim de contas, em 1793, guilhotinou-se uma rainha em França, e antes disso queimou-se incontáveis acusadas de bruxaria e a soldado Joana d'Arc, para não dar mais do que dois exemplos que toda a gente conhece.

Sim, claro que sempre se matou mulheres, mas era algo em contracorrente e que em diversas ocasiões causava pejo, não se

sabe ao certo se foi concedido a Ana Bolena o privilégio de sucumbir a uma espada e não a um tosco e atabalhoado machado, nem sequer na fogueira, por ser mulher ou por ser rainha, por ser jovem ou por ser bonita, bonita para a época segundo os relatos, e os relatos nunca são fiáveis, nem sequer os de testemunhas directas, que vêem ou ouvem turvamente e se enganam ou mentem. Nas gravuras da sua execução, ela aparece de joelhos como se estivesse a rezar, com o tronco erguido e a cabeça levantada; para lhe ser aplicado o machado, teria de ter apoiado o queixo ou a face no cepo e ter adoptado uma postura mais vexatória e mais desconfortável, e se ter arremessado para o chão, como quem diz, e ter oferecido uma visão mais proeminente das suas nádegas a quem do seu ângulo se deparasse com elas de frente. Curioso que se tivesse tido em conta o conforto ou a compostura do seu último instante no mundo, e o garbo e o decoro até, que diferença faria tudo isso para quem era já iminente cadáver e estava prestes a desaparecer da terra debaixo da terra, em dois pedaços. Vê-se também, nessas representações, o «espada» de Calais, assim designado nos textos para o diferenciar de um vulgar verdugo — trazido *ex professo* pela sua grande destreza e porventura a pedido da própria rainha —, sempre nas suas costas e oculto da sua vista, nunca à frente, como se tivesse sido combinado ou decidido que a mulher seria poupada a ver o golpe chegar, a trajectória da arma pesada que, todavia, avança veloz e imparável, como um assobio uma vez emitido ou como uma rajada de vento forte (num par de imagens, ela está de olhos vendados, embora não na maioria); que ignoraria o momento preciso em que a sua cabeça ficaria cortada de uma só cutilada limpa, e tombada no estrado virada para cima ou virada para baixo ou de lado, de pé ou de cocuruto, quem saberia dizer, ela nunca viria por certo a saber; que o movimento a apanharia de surpresa, se é que pode haver surpresa quando se sabe ao que se veio e porque é que se está de joelhos e sem manto às oito da manhã de um dia inglês de um ainda frio Maio. Está de joelhos, justamente, para facilitar a tarefa ao verdugo e não pôr em causa a sua habilidade: fizera o favor de

atravessar o Canal e de se disponibilizar, e possivelmente não era muito alto. Ao que parece, Ana Bolena insistira que bastaria uma espada, já que o seu pescoço era fino. Tê-lo-á rodeado com as mãos por mais de uma vez, em jeito de prova.

Teve direito a maior consideração, em todo o caso, do que Maria Antonieta dois séculos e meio mais tarde, à qual se conta que foi dado pior tratamento no seu Outubro do que ao seu marido Luís XVI no seu Janeiro: ele antecederá-a uns nove meses na guilhotina. O facto de ser mulher não contou para os revolucionários, ou talvez a ponderação do sexo lhes tivesse parecido anti-revolucionária em si mesma. Um tenente chamado De Busne, que lhe mostrou um certo respeito durante a custódia prévia, foi preso e imediatamente rendido por outro guardião mais desabrido. Ao rei só lhe ataram as mãos atrás das costas quando chegou ao pé do patíbulo; fez o trajecto até lá numa carruagem coberta, fechada, a do presidente da Câmara de Paris, segundo creio; e pôde escolher o sacerdote que o assistiu (um não-jurado, isto é, que não tivesse jurado lealdade à Constituição e à nova ordem que mudava diariamente e o condenava). Já à sua viúva austríaca, ataram-lhe as mãos antes mesmo do desfile, que teve de ser efectuado em carroça, mais vulnerável e exposta ao ódio desatado nas caras e aos improperios da multidão; e só lhe ofereceram os serviços de um sacerdote jurado, que ela declinou educadamente. Dizem as crónicas que dispensou nos últimos instantes a educação que lhe faltou durante o seu reinado: subiu os degraus com tanta agilidade que tropeçou e pisou um pé ao verdugo, desculpando-se de imediato como se tivesse esse hábito («*Excusez-moi, Monsieur*», disse-lhe).

A guilhotina tem os seus preâmbulos de opróbrio obrigatório: os condenados não só iam de mãos atadas atrás como, já lá em cima, lhes apertavam os braços ao tronco com uma corda tensa, premonição do amortalhamento; ao ficarem rígidos e inábeis, quase imobilizados e sem poderem valer-se sozinhos, dois auxiliares tinham de os levantar como um embrulho (ou como se fazia mais tarde aos anões que eram disparados de um canhão

nos circos) e de os deslizar ou empurrar de barriga para baixo, completamente horizontais, deitados, até que o seu pescoço encaixasse no buraco a tal destinado. Nisso, Maria Antonieta equiparou-se ao marido: os dois viram-se assim coisificados no momento derradeiro, manuseados como bagagens ou balotes de lã ou como torpedos de um submarino arcaico, como fardos cuja cabeça despontava antes de desatar a rebolar de uma forma imprevisível, sem direcção nem sentido, até que alguém a travasse agarrando-a pelos cabelos, à vista da multidão. A ninguém aconteceu, em todo o caso, o que aconteceu a São Dionísio segundo um cardeal francês maravilhado de que, após martírio e decapitação durante as perseguições do imperador Valeriano, tivesse ido com a sua cabeça cortada debaixo do braço de Montmartre até ao local do seu enterro (aligeirando consideravelmente a tarefa dos transportadores), onde depois foi erigida a abadia ou igreja com o seu nome: uma distância de nove quilómetros. O portento deixava o cardeal sem fala, assegurava, embora na realidade aviasse o seu verbo, de tal maneira que foi interrompido por uma engenhosa dama que o ouvia, rebaixando a façanha com uma frase apenas: «Ah, senhor!», disse-lhe. «Nessa situação, só custa o primeiro passo.»

Só custa o primeiro passo. Talvez se pudesse dizer o mesmo acerca de tudo, ou da maioria dos esforços e do que se faz com desagrado ou repugnância ou reservas; é muito pouco o que se empreende sem nenhuma reserva, há quase sempre algo que nos induz a não agirmos e a não darmos esse passo, a não sairmos de casa e não nos mexermos, a não nos dirigirmos a ninguém e a evitarmos que os outros falem connosco, olhem para nós, nos chamem. Às vezes penso que as nossas vidas inteiras — inclusive as das almas ambiciosas e inquietas e das impacientes e vorazes, desejosas de intervir no mundo e de o governar até — não são senão o longo e adiado anseio de voltarmos a ser indetectáveis como quando ainda não nascêramos, invisíveis, sem difundirmos calor, inaudíveis; de nos calarmos e ficarmos quietos, de invertermos o percurso e desfazermos o que se fez e jamais se pode desfazer — quando muito esquecer, se tivermos sorte e se ninguém o contar; de apagarmos todas as marcas que testemunhem a nossa existência passada e, desafortunadamente, ainda presente e futura durante algum tempo. E, no entanto, não somos capazes de tentar cumprir esse anseio que nem sequer reconhecemos, ou só o são os espíritos muito corajosos e fortes, quase inumanos: os que se suicidam, os que se retiram e aguardam, os que desaparecem sem se despedir, os que se escondem realmente, ou seja, os que procuram realmente nunca mais serem encontrados; os anacoretas e eremitas remotos, os falsificadores que se desembaraçam da sua identidade («Já não sou o meu antigo eu») e adquirem outra à qual se sujeitam sem hesitações («Idiota, não penses que me conheces»). Os desertores, os desterrados, os usurpadores e os desmemoriados, os que verdadeiramente não se

lembram de quem foram e se convencem de que são quem não eram quando eram pequenos ou jovens até, ou menos ainda à nascença. Os que não regressam.



O que custa mais é matar, é um lugar-comum subscrito sobretudo pelos que nunca o fizeram. Dizem-no porque não se imaginam a si mesmos com uma pistola ou uma faca, ou com uma corda para estrangular ou uma catana; na sua maior parte, os crimes levam tempo e exigem esforço físico, se forem corpo a corpo, e implicam perigo (podem arrebatá-los a arma num forcejo e quem acaba a fazer tijolo somos nós). Mas as pessoas habituaram-se há muito a ver espingardas com mira telescópica nos filmes, às quais só é preciso apertar o gatilho para acertar e despachar o assunto, uma tarefa limpa e asséptica e com escassos riscos, e já vêem hoje como alguém opera um *drone* a milhares de quilómetros do objectivo e interrompe uma vida ou várias sentindo-o como ficção, como um acto imaginário, como um videogame (contempla-se o resultado no ecrã) ou, para os mais arcaicos, como a pancada na grossa bola de aço num *flipper*, contra a qual combatemos. Aí, de facto, não há risco possível nem sangue que nos salpique a vista.

Também custa, supostamente, pela irreversibilidade do facto, pelo seu carácter definitivo: matar significa que já não haja mais nada no morto, que nada mais brote dele, que já não discorra nem acenda ideias, que não possa rectificar nem corrigir-se nem reparar estrago algum nem ser convencido; que deixe de falar e de agir para sempre, que já ninguém conte com ele e nem sequer respire nem olhe; que se torne inofensivo e, mais do que isso, completamente imprestável: como um electrodoméstico avariado que passa a ser um empecilho, apenas um traste que estorva e convém arredar do caminho. A maioria das pessoas acha-o demasiado drástico, excessivo, tende a pensar que há salvação para

quem quer que seja, acredita no fundo que todos podemos mudar e ser perdoados também, ou que uma peste humana terminará sem necessidade de a aniquilar. Além de que os outros dão pena em abstracto, como é que vou tirar a vida a alguém? A pena, no entanto, amaina perante o concreto, se é que não desaparece, por vezes de supetão. Se é que não a suprimimos pela raiz.

Lembro-me de um filme antigo de Fritz Lang, era de 1941, foi feito em plena Guerra Mundial, quando os Estados Unidos nem sequer tinham intervindo e parecia impossível que a Inglaterra resistisse sozinha à Alemanha, o resto da Europa a ela submetido ou às suas ordens de bom grado. E começava do seguinte modo: um homem vestido de caçador, com chapéu, calças largas, polainas, interpretado por Walter Pidgeon, aproximava-se com uma espingarda de precisão de uma saliência ou ribanceira ou precipício, num sítio frondoso da Baviera. É o dia 29 de Julho de 1939, apenas trinta e seis dias antes do início dessa Guerra, e o lugar é afinal Berchtesgaden, onde Hitler possuía uma *villa* para a qual se retirava com frequência, inclusivamente a meio da contenda, o sítio mais bem guardado da Alemanha durante as suas estadas. O caçador divisa algo do outro lado da ribanceira ou precipício — talvez seja como o fosso que resguarda um castelo —, deita-se de barriga para baixo entre as ervas e observa com os seus binóculos. Vê-se o seu rosto surpreendido e entusiasmado com o que descobriu, e ele retira então da samarra a mira telescópica e encaixa-a na arma e ajusta-a para quinhentas e cinquenta jardas, pouco mais de quinhentos metros. O que está a contemplar é o próprio *Führer* num terraço, a passear e a conversar com um subordinado, um alto oficial da Gestapo, lembro-me do seu estranho nome meio inglês, Quive-Smith, interpretado por George Sanders com um monóculo e casaco branco e calças escuras, um uniforme muito parecido com o que os procuradores falangistas ostentavam ainda nos anos setenta nas Cortes de Franco, o estilo nazi cativou-os até ao fim.

Num primeiro momento, Quive-Smith tapa Hitler, o caçador não o tem no ponto de mira e enxuga o suor da testa, nervoso.

Mas, pouco depois, o oficial vai-se embora e o maior dos criminosos fica sozinho. Agora, sim, está ao seu alcance, no alvo. O caçador leva o dedo ao gatilho e, após uma breve hesitação, dispara. Só se ouve um clique sem detonação, a arma não está carregada. Walter Pidgeon ri-se e faz-lhe um gesto de adeus com a mão, a partir da aba do chapéu. O espectador tem noção de que há um soldado armado nas imediações, que patrulha o terreno e ainda não viu o caçador escondido.

Não sei o que explicará o romance em que se baseava o filme, mas o que este mostra é que Pidgeon, após o disparo fingido, se apercebe de repente de que *pode* matar Hitler, acaba aliás de o fazer a brincar. Põe então à pressa uma bala na câmara e aponta de novo. O *Führer* continua lá, está de frente, ainda não se retirou e o seu peito mantém-se ao alcance. Quando mais tarde é capturado e interrogado, o caçador assegura a Quive-Smith ou Sanders que nunca pensou em disparar, que o desafio consistia apenas em confirmar que *podia* fazê-lo, que chegara ao seu refúgio sem ser detectado nem interceptado. Trata-se daquilo que designa por «uma perseguição desportiva». Abater a peça é uma mera certeza matemática assim que a temos ao alcance e bem focada na mira. Não há mérito em apertar o gatilho, há muito que ele renunciou a tal, mesmo com um coelho ou uma perdiz. Mas, para que a brincadeira fosse a sério e não uma simples paródia, a espingarda tinha de estar carregada. «O seu cálculo da distância é assombroso, quase sobrenatural», concede-lhe Quive-Smith, ele próprio um aficionado da caça: tal como a mira estava ajustada, conforme verificou, só lhe faltavam dez pés, uns três metros, para atingir o objectivo. «Um homem assim não pode viver», acrescenta. A observação de Sanders, no entanto, revela-se ambígua para o espectador. Pidgeon é o capitão Alan Thorndike, um caçador internacionalmente famoso, o seu interlocutor na realidade conhece-o e admira-o, sabe das suas façanhas em África. Pode-se deduzir que aquele erro mínimo de três metros era deliberado e que Pidgeon está a dizer a verdade, que nunca pensou espetar uma bala no coração de Hitler. Na verdade, não.

Tal como se desenrola, a sequência também está carregada de ambiguidade: não temos a certeza se Thorndike se cruzou com o *Führer* por acaso ou se andava à procura dele, por mais improvável que a primeira hipótese pareça. Dá a impressão, em todo o caso, de que só se lembra de o matar quando vê o caso concreto, quando se apercebe de quem tem ao seu alcance. Ou nem isso sequer, é ainda mais lento. Depois do seu simulacro, depois do clique com a arma descarregada, do adeus com a mão após tocar a aba do chapéu e do riso festivo de satisfação, o caçador faz menção de se retirar, lança-se para trás como quem cumpriu a sua missão e não lhe resta mais nada a fazer ali, naquela saliência diante da famosa mansão de Berchtesgaden. E é então que a sua expressão muda, torna-se grave e mais impaciente, como se agora lhe faltasse o tempo, mais determinada também (não muito, mas mais). É nesse momento que parece vir-lhe a ideia de que aquilo que foi um ensaio, uma pantomima, uma diversão — uma perseguição desportiva —, se pode transformar em realidade e alterar o curso dos acontecimentos. De que está na sua mão, no seu dedo, prestar um grande favor ao seu país e a meio mundo, mesmo que a 29 de Julho de 1939 ainda ninguém imaginasse quão imenso tal favor viria a ser. O que lhe aconteça a si não importa, dificilmente conseguiria escapar, só importa a excitação. Como tal, põe a bala na câmara, uma única, certo de que atingirá facilmente o alvo, de que acertará e não necessitará de um segundo disparo. Volta a acariciar o gatilho e está prestes a apertá-lo, desta vez com consequências, consequências pessoais e históricas. Num ápice, o *Führer* morto e ensanguentado, apagado da face da terra que está prestes a dominar e destruir, estendido no chão do seu terraço, imprestável, um despojo, um estorvo que suja, um resto. Seria preciso retirá-lo dali como um gato esmagado, quão pouca a distância entre o tudo e o nada, entre a vida feroz e a morte, entre o pânico e a piedade.

Não conheço o romance em que se baseou, como disse, mas o filme nunca nos esclarece a intenção definitiva de Thorndike, o caçador, pois nada está feito enquanto não estiver completamente

feito e já não for possível desfazê-lo, enquanto houver volta atrás. Uma folha voa de uma árvore e cai-lhe na mira. Mal-humorado, Pidgeon afasta-a, perde a linha de visão por um instante e retoma a sua posição. Há que voltar a seguir Hitler, há que o ter de novo nítido na mira, ou a matemática não poderá terminar o seu infalível cálculo e o gato continuará vivo e a rondar, maquinará e arranhará e rasgará. Mas agora já é tarde, uma folha que voa é o suficiente para que o tempo se acabe: o soldado que patrulha descobriu-o e lança-se sobre ele, e a única bala sai perdida, rumo a lado nenhum, no forcejo entre os dois.